

LER NIETZSCHE, NOS LIMITES DO NOME “NIETZSCHE”

Antonio Edmilson Paschoal

Universidade Federal do Paraná / CNPq

Resumo: Tendo como pressuposto alguns modos de leitura de Nietzsche, que conduzem o leitor, cada vez mais, para a compreensão da obra em suas peculiaridades e movimentos internos, este estudo toma como objeto de trabalho uma figura em particular que aparece nos escritos do filósofo. Trata-se do próprio “Nietzsche” que, no interior de alguns textos, assume certos contornos e desempenha papéis muito peculiares, ora como uma assinatura, que confere legitimidade à obra, ora como um eu-narrador, que apresenta e imprime uma coerência ao texto, ora como parte de uma crítica à ideia de unidade do sujeito, ora como um tipo de homem superior com o qual é possível uma transvaloração de valores, em todo caso, uma figura de linguagem cuja compreensão torna-se chave para o entendimento da estratégia literária e da organização da obra como um todo.

Palavras-chave: Nietzsche, Ler Nietzsche, Leitura filológico-histórica, Leitura contextual, Filosofia da forma.

Abstract: Based on certain modes of reading Nietzsche, which increasingly guide the reader towards an understanding of the work in its peculiarities and internal movements, this study takes as its object of work a particular figure that appears in the philosopher's writings. This is "Nietzsche" himself, who, within some texts, assumes certain contours and plays very peculiar roles, sometimes as a signature that confers legitimacy to the work, sometimes as a narrator who presents and imparts coherence to the text, sometimes as part of a critique of the idea of the unity of the subject, sometimes as a type of superior man with whom a transvaluation of values is possible—in any case, a figure of speech whose understanding becomes key to understanding the literary strategy and the organization of the work as a whole.

Keywords: Nietzsche, Reading Nietzsche, Philological-historical reading, Contextual reading, Philosophy of form.

1. Considerações iniciais

Logo após afirmar no prefácio de sua *Genealogia da moral*¹ que nós homens do conhecimento, somos de nós mesmos desconhecidos, Nietzsche

¹ Serão utilizadas as seguintes abreviaturas para citar as obras de Nietzsche: GC (*A gaia ciência*) GM (*Genealogia da moral*), EH (*Ecce homo*), e FP, para os fragmentos póstumos, conforme a convenção

passa a fazer um relato de sua trajetória, obras, embates e peculiaridades, abandonando a forma plural, ‘nós’, e apresentando-se em primeira pessoa do singular, ora por meio do pronome pessoal “eu”, ora por meio do pronome possessivo, “meu”, “minha”. Algo que dificilmente poderia passar despercebido pelo leitor que se depara, então, com um autor que encena uma entrada na obra como um eu-narrador, claramente conhecedor de si e que toma a sua trajetória intelectual como condição para o trabalho que se apresenta e que inclui, por exemplo,

alguma formação histórica e filológica, incluindo um inato senso seletivo em questões psicológicas no geral, em pouco tempo transformou o meu problema neste outro: sob quais condições o ser humano inventou para si aqueles juízos de valor bom e mau? e que valor eles próprios têm? (GM, Prefácio, 3)

De fato, seria plausível a ideia de que, nesse prefácio, estaríamos diante de uma genealogia do autor, ou, ao menos, de uma autogenealogia que reuniria as premissas para alguém poder identificar aquele problema que seria, no caso, segundo Nietzsche, o “meu problema” (GM, Prefácio, 3). Uma genealogia que mostraria, também, o quanto o filósofo teria buscado em vão por companheiros (GM, Prefácio, 4) e que não poderia deixar de considerar o embate com o seu “grande mestre Schopenhauer” (GM, Prefácio, 5), motivada por aquela aversão que brotava, de seu interior, à moral da compaixão e ao perigo que ela representava.

Seria, em síntese, a genealogia das condições necessárias para que alguém pudesse observar um ponto de vista que se apresentaria a um observador, assim, muito peculiar. Mas, que poderia abrir-se também para outros observadores, contanto que tivessem ouvidos para ele. Além disso, trata-se de um ponto de vista que deve ser acessível a leitores. Contudo, a alguns leitores que deverão também eles estar também preparados para “desfrutar do privilégio de tomar parte reverentemente do elemento alciónico, do qual essa obra nasceu” (GM, Prefácio, 8). De todo modo, para ter acesso àquele ponto de vista que o autor teria apreendido.

Tal foco no autor, ao certo traz à tona uma pergunta, se essa a figura que encena uma genealogia de si no prefácio da obra, é, ou tem de ser, exatamente o homem franzino por traz da mesa de trabalho, o filho da Dona Franziska Oehler Nietzsche, que em janeiro de 1889 foi encontrado sem

adotada pelos editores G. Colli e M. Montinari, na *Kritische Studienausgabe* (KSA), e seguida por Paolo D'Iorio, na edição eletrônica e-KGWB: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>. As traduções dos escritos de Nietzsche (obras, fragmentos de espólio e cartas) são de minha autoria.

consciência numa pensão em Turim. Uma pergunta que, deverá ser deixada de lado neste momento, ou teríamos de abandonar o debate metodológico proposto. Assim, considerando o que o próprio filósofo afirma em *Ecce homo*: “uma coisa sou eu, outra, os meus escritos” (EH, Por que escrevo tão bons livros, 1), será tomada aqui a obra, lembrando que o eu-narrador, supostamente o autor, aparece no interior da obra, como uma figura de linguagem, e é como tal que precisará ser observada, e não como um suposto autor que se colocaria sobre ele, controlando-o, como um sujeito. Considerando, por fim, que essa segunda hipótese, do sujeito-autor entraria em conflito com a crítica de Nietzsche à ideia de um sujeito como agente, ou um autor como agente, algo que só poderia ser concebido por uma “sedução da linguagem (e dos erros fundamentais da razão que nela se petrificaram)” (GM, I, 13).

Assim, no lugar da pergunta pelo sujeito-autor, deve-se colocar a questão pela “função-autor” (FOUCAULT, 2001), vale dizer, observar aquele eu-narrador que se apresenta no prefácio e conduz o texto, não tanto como uma personalidade alheia à obra, mas como uma figura de linguagem, interna ao texto, como parte de construções argumentativas que poderiam ter outro formato, mas que tiveram nessa figura, e também em alguns tipos psicológicos e outros recursos da escrita literária, elementos capitais para o seu desdobramento. Desse modo, tendo em vista essa economia do texto, torna-se evidente que “ler Nietzsche” implica em ler o nome “Nietzsche” que se encontra dentro da obra, bem como os pronomes que sinalizam para esse nome.

Uma forma de observar o texto que requer uma retomada de alguns elementos advindos de diferentes formas e metodologias de ler Nietzsche, as quais, bem conduzidas, devem oferecer elementos também para se retirar da análise daquela figura do autor, os benefícios que estão ligados a ela, enquanto um recurso estilístico.

Por certo, o nome “Nietzsche” aparece com diferentes funções no interior da obra do filósofo de Weimar, ora como uma assinatura, ora como um tipo psicológico, ora como uma lente de aumento, ora como forma de demarcar uma perspectiva etc. O que deve significar, por fim, que o trabalho interpretativo em torno do nome “Nietzsche” não é algo simples, mas laborioso, na medida em que deverá considerar a particularidade das várias ocorrências desse nome no texto. Algo que já esboçamos em alguns estudos anteriores e que retomamos agora, com uma atenção especial à metodologia a ser empregada para analisar aquela figura Nietzsche, que, no caso, se delinea no Prefácio e conduz a primeira dissertação da *Genealogia da moral*.

2. Notas breves sobre alguns modos de se ler Nietzsche

A temática do que significa o nome “Nietzsche” na obra do filósofo de Weimar é identificada inicialmente por Heidegger, que abre uma tradição de leituras de Nietzsche, afirmando que o nome “Nietzsche” corresponderia “[a]o nome do pensador [que] encontra-se como o título para a coisa de seu pensamento” (HEIDEGGER, 2010, p. 03). Assim, o significante “Nietzsche” remeteria tanto ao pensador quanto a um pensamento que tem aquele nome por seu título.

O nome do pensador, que aparece na obra e confere o título ao seu pensamento, remeteria à essência desse pensamento, à “coisa” (*ousía*) dele, à sua substância, à sua realidade mais básica. Ao certo, a solução de Heidegger ao problema evidencia um aspecto de sua interpretação, que faz de Nietzsche um pensador metafísico, do qual se espera respostas definitivas às perguntas apresentadas a ele. Como se verifica com os conceitos capitais de seu pensamento, como os de vontade de poder e de eterno retorno do mesmo, que são tomados, no âmbito dessa interpretação como realidade última das coisas, com o papel de conferirem a ela uma unidade para além das multiplicidades que veríamos nela.

Do ponto de vista metodológico, vale observar que no âmbito dessa leitura, sistemática, uma ideia, como um conceito, torna-se algo que se mantém para além de nuances e eventuais mudanças que se teria de um texto para outro. Também vale observar que essa leitura só se sustenta a partir de uma forma de abordar os apontamentos do filósofo sem diferenciá-los, no modo de usar e citar, da obra publicada, que seria uma espécie de fachada de um pensamento que se encontraria, de forma mais elaborada nos seus *Nachlässe* [fragmentos de espólio].

Sobre a interpretação de Heidegger, ao mesmo tempo em que é justo registrar o quanto ela foi importante e o quanto ela contribuiu para a entrada de Nietzsche na academia e na tradição filosófica, é importante assinalar também o quanto a sua interpretação decorreu do modo como a obra do filósofo havia sido levada a público naquele momento. O que foi feito por meio da edição denominada a *Großoktavausgabe*, reconhecida como a primeira edição completa e abrangente das obras do filósofo, publicada entre 1894 e 1913 e gerenciada, em grande parte, pelos *Nietzsche-Archiv*, sob a direção da irmã do filósofo, Elisabeth Förster-Nietzsche, e editada inicialmente por Fritz Koegel e posteriormente por Alfred Kröner. Uma edição na qual aparece a obra apresentada como capital de Nietzsche, a *Vontade de poder*, à qual Heidegger e outros intérpretes da primeira metade do século XIX conferem

grande importância, mesmo quando já se reconhecia tratar-se de apontamentos que o filósofo não chegara a publicar.

Sobre a edição das obras de Nietzsche, e o lugar dos apontamentos nesse conjunto, uma primeira revisão importante foi feita por Karl Schlechta, entre 1954 e 1956, que introduziu novos elementos ao debate sobre os escritos do filósofo ao publicar os textos constitutivos da obra *Vontade de Poder* como fragmentos, sob o título “*Aus dem Nachlaß der Achtzigjahre*” [Do espólio dos anos oitenta]. Assim, embora ainda não tenha resolvido o problema da cronologia dos textos, retirou da obra *Vontade de poder* o seu estatuto inicial de obra capital do filósofo, algo já reconhecido por Heidegger, quando afirmava que o essencial do pensamento de Nietzsche encontra-se nos seus fragmentos de espólio. A solução desse problema, contudo, ainda vai precisar de mais alguns anos e uma nova edição dos escritos do filósofo para chegar a termo, em termos técnicos. Isso vai ocorrer em grande parte com a nova edição dos textos de Nietzsche, a partir dos anos sessenta, num trabalho feito pelos italianos Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Um trabalho editorial que permitiu, ainda, recolocar em outro patamar aquele espólio, dissociando-o, de fato, da obra publicada e apresentando-o de tal forma que respeitasse a cronologia do material deixado pelo filósofo.

Importantes ganhos interpretativos advindos desse trabalho editorial vieram a público, por exemplo, com um artigo de Montinari intitulado “Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos Ídolos” (1997). Nesse trabalho, ganha relevo uma série de pontos que não poderão ser mais desconsideradas pelos intérpretes do filósofo. O primeiro deles diz respeito justamente àquela cronologia dos textos, tanto da obra publicada, quanto dos cadernos pessoais do filósofo, seu espólio, sendo que ambos precisam ser lidos tendo em vista o período de sua produção. O que implica em considerar os movimentos do pensamento do filósofo e o fato de que ele produz certas teses que, posteriormente, abandona ou modifica.² Esse é o caso, por exemplo, do uso que faz da metáfora em contraposição ao conceito, no debate sobre a linguagem em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, em 1873, o que se modifica e dá lugar à ideia de signo, quando retoma o tema no aforismo 354 de *A gaia ciência*, em 1882. Outro exemplo, é do uso da figura de Dionísio que aparece no *Crepúsculo dos Ídolos*, em 1888, e que é diferente e cumpre papel

² É com base nesse tipo de procedimento que Montinari afirma que a *Vontade de Poder* não é uma obra que teria sido preparada por Nietzsche, pois, em termos de conteúdos trabalhados pelo filósofo, ela seria anacrônica. Trata-se de um projeto abandonado em 1888 pelo filósofo e substituído por outro, o da Transvaloração de todos os valores, que tem sua culminância na obra *O Anticristo*. Uma explicação acerca desse projeto encontra-se em especial no livro de Montinari intitulado *Nietzsche* (1996), com especial atenção para o capítulo “Crítica del testo e volontà di potenza”.

diverso da mesma figura que surgira anteriormente em *O nascimento da tragédia*, em 1872³.

Um segundo aspecto metodológico colocado em relevo por Montinari diz respeito à atenção para as fontes do filósofo. Uma atenção que produz vários efeitos na pesquisa sobre o pensamento de Nietzsche, sendo o primeiro, o fato de desmistificar a ideia de um filósofo absolutamente genial e autóctone, na medida em que permite a sua reinserção no seu tempo, identificando, por exemplo, a origem de certas ideias que ele mobiliza em seus textos. Um segundo efeito desse tipo de atenção consiste em permitir ao leitor conhecer a acepção inicial de um conceito, o que seria o seu ponto de partida, observar sua entrada no texto de Nietzsche e os deslocamentos que sofre, juntamente com as reformulações e ressignificações. Um procedimento muito utilizado por Nietzsche, como tivemos a oportunidade de mostrar em outra ocasião, quando trabalhamos o conceito de ressentimento, identificando as fontes do filósofo, as formulações iniciais da ideia apropriada por ele, por exemplo, de Dühring, e o modo como posteriormente Nietzsche reformulara o conceito, voltando-o justamente contra o filósofo de Berlim, Eugen Dühring (PASCHOAL, 2014).

Apesar de seus méritos, contudo, cabe mencionar que esse trabalho editorial ainda sofreu críticas, como aquela feita por Andrea Spreafico (2008), que apontou como um problema o fato de que naquela edição, na KSA (*Kritische studienausgabe*), por exemplo, tanto a obra publicada quanto os fragmentos póstumos se apresentavam de forma similar, num modo de impressão que não as diferenciava entre si. Outro ponto criticado foi que alguns textos, em especial aqueles retomados da obra *Vontade de Poder*, mesmo sendo recolocados em sua cronologia, ainda mantiveram certos erros de impressão. Um problema sanado em parte por Colli e Montinari, e em parte pela equipe liderada por Marie-Luise Haase, que continuou o trabalho dos editores italianos recorrendo, então, a novos recursos eletrônicos que permitiram identificar com maior precisão as palavras muitas vezes rasuradas dos cadernos no filósofo.

Tendo em vista esse movimento que vai estabelecendo camadas interpretativas na recepção do pensamento do filósofo de Weimar, vale

³ Vários exemplos poderiam ser elencados aqui, o Budismo é um deles, que ganha contornos bem diferentes, por exemplo, na seção 17 da terceira dissertação da *Genealogia da moral* em comparação com a seção 6 do primeiro capítulo de *Ecce homo* (o que tive a oportunidade de apresentar em detalhes em PASCHOAL, 2014). Contudo, não se pode deixar de observar o quanto esse tema é controverso, pois, também o caráter ambivalente conferido aos conceitos em Nietzsche não pode ser tomado como uma regra fixa, mas algo que exige um estudo caso a caso no intuito de dimensionar a fluidez de sentidos e a transformação conceitual às quais cada conceito está inserido.

mencionar que *pari passu* ao trabalho dos italianos, em especial na década de 70 e nos anos seguintes, apareceram teóricos como Wolfgang Müller-Lauter, que deram um impulso gigantesco na interpretação do pensamento de Nietzsche, marcadamente em oposição a Heidegger, enfatizando a ideia de Nietzsche como um filósofo não metafísico. Em seu trabalho, Müller-Lauter, utiliza-se tanto da obra publicada quanto dos fragmentos para formular a hipótese de que a doutrina da vontade de poder de Nietzsche, por exemplo, não se coadunaria com a ideia de um pressuposto metafísico, ou de um princípio fundante e originário que, por fim, organizaria a multiplicidade do real. Mais ainda, ele coloca em evidência que a expressão “vontade de poder”, tomada por ele tanto no singular como no plural, remete a uma pluralidade de forças (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 69), e seria utilizada por Nietzsche justamente para solapar as bases da metafísica. (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 103)

Num deslocamento em relação à metodologia de leitura proposta por Montinari, mas sem abandonar boa parte dos princípios adotados por ele e por Müller-Lauter, Werner Stegmaier apresenta uma significativa contribuição em termos de metodologia de leitura dos textos de Nietzsche. Tendo em vista em especial os textos publicados e conferindo uma especial atenção aos movimentos internos da obra, Stegmaier enfatiza ainda mais a ideia de que um conceito aparece num determinado momento, num contexto. O que não remete a fatores externos, a eventuais fatores biográficos, ou psicológicos do autor, mas liga os conceitos de forma muito especial ao contexto interno, no qual eles aparecem. Seu pressuposto é que “em Nietzsche, os conceitos são sempre utilizados em um contexto específico que lhes fornece um sentido específico; sendo que, em contextos alternativos, eles recebem um sentido alternativo” (STEGMAIER, 2011, p. 179). Segundo o intérprete, ainda, esse seria o método para evitar leituras apressadas que levariam a extrair do filósofo “doutrinas” gerais. Por sua vez, no que se refere aos apontamentos do filósofo, assim como suas missivas, o intérprete entende que tais documentos não poderiam ter o mesmo valor que o material de fato levado a público por ele. O que confere, por exemplo, às anotações do filósofo um papel secundário, de suporte para a compreensão do texto publicado. O mesmo que faz em relação às fontes, que também teriam um papel subordinado em relação àquele propósito interpretativo voltado para a obra publicada.

Até este ponto, já deve ter ficado claro que o olhar lançado sobre os modos de ler Nietzsche revela uma escolha. Vale dizer, a trajetória esboçada aqui vai de uma compreensão que toma os conceitos como tendo uma validade geral na obra do filósofo, para um entendimento em que a circunstância na qual esse conceito aparece não pode ser desconsiderada, pois o seu significado

vincula-se àquele momento de emergência e ao papel que cumpre naquele contexto. O que leva à conclusão que um estudo da obra do filósofo não pode desconsiderar a cronologia dos textos nem os contextos precisos em que os conceitos aparecem e nos quais assumem contornos e significados circunscritos àquele momento específico.

Ao certo, aquele olhar não poderia deixar de observar outros modos de se apropriar da filosofia de Nietzsche, como se tem com os trabalhos de Michel Foucault e de Jacques Derrida. Circunscrevendo essa atenção, contudo, aos interesses interpretativos que movem este estudo, deve-se ressaltar, do primeiro, a já mencionada ideia da “função-autor”. Do segundo, por sua vez, cabe observar a ideia de que um texto, em especial um texto de Nietzsche, não pode ser tomado simplesmente com o propósito de transmitir um sentido. Algo que o autor construiria e ao leitor caberia desvendar (DERRIDA, 1991). Antes, em Nietzsche o uso da linguagem ultrapassaria essa esfera básica, como Derrida explicita em seu livro intitulado *Otobiografias. O ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio* (DERRIDA, 2021)⁴, no qual coloca em relevo o que poderia ser chamado de um caráter performativo do texto do filósofo que, assim, não transmite, mas produz um sentido, uma realidade. O que Nietzsche faz, ao certo, ao introduzir certas ideias em novos arranjos, mas, também, ao organizar um texto no intuito de produzir efeitos sobre um público, seus leitores, por exemplo. Aspectos que, mais uma vez, colocam em relevo a forma do escrito, seus meandros e entrelaçamentos, quando se busca a sua compreensão.

Aparentemente próximos dos intérpretes franceses, mas com um enfoque voltado de modo muito particular para a confecção do texto, sua tecitura, aparecem mais recentemente trabalhos como os de Claus Zittel (2024), Axel Pichler (2014), Paolo D’Iorio, entre outros intérpretes recentes da pesquisa Nietzsche. O modo de ler Nietzsche utilizado por esses intérpretes recorre, ao certo, aos benefícios alcançados pelos precedentes, mas, com novos elementos utilizados para uma análise que se concentra no texto, na “materialidade” dos textos (D’IORIO, 2024, p. 29).

Em relação àquela trajetória de leituras de Nietzsche, o que ganha ênfase, além, ao certo, da pergunta pelo significado de um conceito num contexto específico, é o olhar que considera também a cena em que ele aparece, conferindo importância aos interlocutores, adversários, tipos psicológicos e personagens, além de observar todos os recursos literários utilizados pelo filósofo, o diálogo, a paródia, o aforismo etc. Esse tipo de

⁴ Estudamos o modo como Derrida interpreta Nietzsche em sua filosofia e em especial nesse texto das *Otobiografias* em PASCHOAL, 2021.

atenção ao texto, conforme veremos, é fundamental para um estudo voltado para as ocorrências do nome Nietzsche no interior da obra de Nietzsche.

Os debates sobre a materialidade do texto, que evidentemente colocam em relevo o texto publicado e o trabalho filológico que se realiza neles, beneficia-se também, em termos editoriais, da edição da seção IX da *Kritische Gesamtausgabe Werke* de Nietzsche realizada entre os anos de 2001 e 2022, que apresenta ao leitor, em 13 volumes, os cadernos do filósofo e seus escritos pessoais dos anos de 1885 a 1889, respeitando o modo como o material foi encontrado nos cadernos do filósofo, com riscos, rasuras e reescritas. Uma edição que, com diferentes cores, tenta ser o mais fiel possível ao que foi deixado pelo filósofo. De fato, essa edição mostrou que não se poderia resumir os cadernos de Nietzsche por meio da expressão “fragmentos póstumos”, visto que neles se encontram não se encontraria pedaços de obras, fragmentos, mas apontamentos com os mais diferentes registros, que vão desde notas ilegíveis até obras ou partes de obras preparadas por ele e não publicadas, além de textos em preparação, passando por textos abandonados pelo filósofo e anotações pessoais, como contas de panificadora etc.⁵

Por sua vez, para essas pesquisas mais recentes, aquele material se apresentou como um aparato de apoio para um estudo metuculoso do texto, visto que permitiu avaliar o que o filósofo deixou de publicar, além de dar acesso a um material que permite realizar uma espécie de genealogia do texto, na medida em que o pesquisador pode voltar-se para as versões inacabadas a abandonadas pelo filósofo seja do texto estudado, seja da ideia que se encontra nele.⁶

3. A figura “Nietzsche” no interior da obra de Nietzsche

Retomando de forma mais direta o propósito de estudar a figura Nietzsche que aparece nos escritos de Nietzsche, além do olhar mais aguçado para o texto, torna-se necessário considerar também, mesmo que rapidamente, alguns estudos que tomam a figura Nietzsche como um tema de estudo. Nesse sentido, a título de exemplo, serão expostos de forma muito breve, algumas conclusões de dois estudos que se ocupam do tema. O primeiro, de Daniela

⁵ Conferir a respeito: HAASE, 2011.

⁶ Um ótimo estudo nesse sentido foi feito por Romano Zattoni (2022), que confronta a versão publicada de *Ecce homo* com o material de trabalho de Nietzsche, permitindo identificar, por exemplo, o modo como o texto foi produzido, a partir de um material retirado de *O crepúsculo dos ídolos*, além de avaliar o lugar projetado por Nietzsche para esse material em relação ao conjunto da obra.

Langer (2006) e o segundo, o de Roberto Sanchiño Martínez (2013). Ambos, conforme veremos, muito instrutivos em termos teóricos e metodológicos, mas ainda reféns do propósito de conferir ao Nietzsche do interior da obra um caráter geral, apesar de considerar textos pontuais.⁷

No caso de Daniela Langer, interessa de um modo especial a primeira parte de seu livro intitulado “*Wie man wird, was man schreibt. Sprach, Subjekt und Autobiographie bei Nietzsche und Barthes*”⁸, que se volta especialmente para *Ecce homo*. Um primeiro aspecto enfatizado por Langer é que não se poderia procurar em *Ecce homo* uma exposição de si de Nietzsche que o apresentasse como um sujeito no sentido aristotélico ou cartesiano, mas no sentido que se teria em Hume que, segundo a intérprete (LANGER, 2005, p. 23), considera o sujeito como uma ficção.

Outro aspecto elencado por Langer é que, além de uma simples exposição de si, tem-se em *Ecce homo*, uma constituição de si, coloca em pauta o caráter plasmador do texto. Enfatiza, assim, o que chama de uma “práxis da escrita” de Nietzsche, que se serve dos “Jogos de palavras” (LANGER, 2005, p. 45)⁹ do filósofo, do seu estilo, e da linguagem como expressão artística. Destaca, nesse sentido, as palavras de Nietzsche, para quem, “nós poetamos a nós mesmos (...) como unidade” (FP 1880, 6[349], p. 286). Poetamos, contudo, como uma unidade, aquilo que é uma pluralidade (FP 1881, 12[35], p. 582). Uma pluralidade que, assim, não é apenas exposta pela linguagem, mas também constituída por ela, visto que se amplia por meio da linguagem como arte.

Para a intérprete, a figura do filósofo exposta em primeira pessoa do singular ocuparia um lugar central em *Ecce homo*, por exemplo, na afirmação de que “somente comigo” [com ele]” seria possível uma “transvaloração de valores” (EH, Por que sou tão sábio, 1). Um “eu” que, assim, assume o formato de um sujeito unitário em certos momentos, mas que, em outros, assume outros contornos, como é o caso de um sujeito não compreendido em sua época, além de trazer à luz a ideia de um sujeito plural e paradoxal. O que segundo Langer se faz por meio do uso de outros pronomes, por exemplo, quando Nietzsche refere-se a si mesmo também por meio do pronome indeterminado “es” [esse], “man” [alguém], ou até mesmo “ele” (LANGER,

⁷ Cabe observar que o nome “Nietzsche”, como nos interessa, ganha destaque de um modo especial, a partir de 1885, por exemplo, nos prefácios de 1885-1886, em *Para a genealogia da moral*, e em *Ecce homo*, no qual se tem o que Daniela Langer chama de uma “apoteose do eu” (LANGER, 2005, p. 99).

⁸ Numa tradução livre teríamos: “Como alguém se torna o que escreve. Linguagem, Sujeito e Autobiografia em Nietzsche e Barthes”.

⁹ “Schreibpraxis”; “Wortspielen”.

2005, p. 140), além do pronome “nós”, conforme queira colocar em relevo aspectos que se encontram nele, mas que não são peculiares seus, mas comuns em seu tempo. Além de ampliar seus horizontes, por exemplo, ao recorrer a outros nomes para designar traços daquela grande pluralidade, como é o caso de Zaratustra, Dioniso, ou mesmo Schopenhauer e Wagner.

De fato, no trabalho de Daniela Langer evidencia-se um olhar atento para a escrita em Nietzsche e para o modo como ele utiliza as palavras e outros recursos literários em sua escrita. O que fornece bons elementos para se pensar o nome Nietzsche no interior da obra de Nietzsche, em especial, para entender o modo como esse nome é mobilizado em *Ecce homo*. Contudo, Langer mantém ainda no horizonte uma figura que se constitui na obra e não que seria encenada nela, uma figura que teria em *Ecce homo* um ponto de chegada. Assim, mantém no horizonte um Nietzsche que atravessaria o conjunto da obra como um todo, num desdobramento de uma figura cujos traços vão se somando em diferentes momentos de sua própria constituição e exposição.

O segundo estudo elencado aqui como uma tentativa de interpretar o nome Nietzsche no interior da obra de Nietzsche, foi levado a público em 2013 por Roberto Sanchiño Martínez, em seu livro “*Aufzeichnungen eines Vielfachen. Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*”.¹⁰ Próximo ao trabalho de Daniella Langer, para Martínez o discurso autorreferencial de Nietzsche corresponde a um sujeito plural e dividido, um “*dividuuni*” que, ao mesmo tempo que se expõe, se constitui por meio da escrita, o que configura o que o intérprete chama de uma “poetologia do si mesmo”, numa circularidade entre autoexposição e automodelação.

Tal exposição-constituição se daria, segundo o autor, de um modo egocêntrico, o que permitiria vislumbrar uma uniformidade que não resultaria numa unidade, mas na possibilidade de tornar visível a pluralidade de elementos dinâmicos e em constante alteração que seria o filósofo. Assim, o sujeito Nietzsche deveria ser pensado como múltiplo e uno ao mesmo tempo, sendo que a figura egocêntrica que se configura no texto constituiria a condição não apenas para esse sujeito plural se manifestar, mas também se automodelar, poetar a si mesmo.

O nome Nietzsche, por sua vez, seria um sinal de uma pluralidade que, como mencionara Langer, lança mão de outros nomes, pseudônimos, sinônimos para se manifestar. Nesse mesmo sentido, ampliando o que já afirmara Langer sobre Zaratustra, Schopenhauer e Wagner, por exemplo, o

¹⁰ Numa tradução livre teríamos: “*Apontamentos de um múltiplo*”. *Sobre a poetologia de si mesmo de Friedrich Nietzsche*.

autor explora ainda o uso feito por Nietzsche do nome de Paul Rée, ou do ‘Rééalismo’ (*Rééalismus*) que em *Humano, demasiado humano*, que não corresponderia à influência de Rée sobre Nietzsche, mas que precisaria ser reconstruído no âmbito da pluralidade do autor. Uma pluralidade e instabilidade que configuram sua “identidade” (MARTINEZ, 2013, p. 211)¹¹ numa “vontade de vida (...) que se manifesta na transformação, na metamorfose, na superação de si e do que é estranho, e numa permanente (re)criação” (MARTINEZ, 2013, p. 211)¹².

De fato, também Martínez oferece interessantes contribuições para se pensar a relação circular entre texto e autor, fazendo predominar a ideia de uma pluralidade do autor que se manifesta e se configura no texto. Apesar desses ganhos, contudo, deve-se observar que, em termos metodológicos, a proposta é diferente do que se tem neste estudo, visto que considera um desenvolvimento, em outras obras, daquela figura geral de Nietzsche que chega a *Ecce homo*. O que não é uma tese a ser refutada, mas que não elege como foco de atenção o significado e papel que a figura Nietzsche cumpriria a cada momento em que aparece no interior da obra.

4. O nome Nietzsche em diferentes contextos

Considerando os trabalhos de Langer e Martínez, especialmente pelo modo como exploram variações desse nome e os seus diferentes modos de expressão, mas, retomando também a ideia de um estudo que pretende manter-se no horizonte de contextos pontuais, reiteramos a ideia de que em cada uma das ocorrências do nome Nietzsche, o leitor precisa atentar para o delineamento que recebe e o papel que cumpre naquele contexto.¹³

O que recoloca a ideia de que é trabalhoso ler Nietzsche. É laboriosa aquela leitura lenta, no âmbito da qual cada conceito é observado em contextos particulares. Mais ainda se for observada a figura Nietzsche, como ela aparece no texto, pois, seu aparecimento no texto não se faz de forma isolada, mas, no geral, frente a interlocutores, adversários, em resumo, como parte de uma cena que se apresenta no texto, no qual configura uma perspectiva, assim como

¹¹ “Die Instabilität der Identität des Subjekts bildet seine Identität”.

¹² “Der sich im Wandel, in der Metamorphose, in der Selbst- und Fremdüberwindung und permanenten (Neu-)Schöpfung manifestiert”.

¹³ O que, ao certo, não exclui a possibilidade de estudos que apontem um padrão geral vinculado ao nome Nietzsche ou que correlacionem biografia e bibliografia.

outras perspectivas podem aparecer nele por meio de outras figuras, todas dispostas num debate.

Tudo isso leva a crer que não seria o caso de deixar o “Senhor Nietzsche de lado” (GC, Prefácio, 2), mas considerar individualmente as diferentes passagens em que ele aparece no texto. Como se tem nos prefácios de 1886, em que o olhar retrospectivo permite colocar frente a frente o jovem Nietzsche e o Nietzsche que, 14 anos depois, revisita sua obra, além de avaliar a relação entre saúde, doença e a produção da obra filosófica¹⁴; como se tem também em *Ecce homo*, onde Nietzsche mostra-se como uma figura multifacetada, que contém em si não apenas tipos opostos, mas a tensão desses opostos, o que é a condição para uma transvaloração dos valores¹⁵; por fim, como se tem na *Genealogia da moral*, na qual as informações sobre o autor são reunidas de forma genealógica, com o propósito tanto de delinear a figura capaz de apreender aquele ponto de vista aberto na cultura ocidental (GM, Prefácio, 6), quanto estabelecer um modo de condução da obra que se faz, em grande parte, por um eu-narrador¹⁶.

Particularmente sobre esse eu-narrador da *Genealogia da moral*, é interessante notar o modo como ele é descrito no prefácio. Ali a autogenealogia do autor corresponde às condições de emergência da figura que produz e conduz o texto. Nesse sentido, vale observar que, com exceção de algumas poucas passagens em que a conclusão lógica é feita a partir de premissas, é a figura do autor, com aquelas premissas, quem confere unidade e credibilidade ao texto, em especial na primeira dissertação. É essa figura também que se apresenta no texto posicionando-se frente a adversários e que, em alguns casos, precisa calar-se, dando lugar para a fala de outras figuras, como é o caso de um “livre pensador” (GM, I, 9) ou do “senhor curioso e temerário” (GM, I, 14). Talvez porque o que se apresenta ali ultrapassa os limites da perspectiva assumida pelo filólogo e historiador, apresentado no prefácio.¹⁷

¹⁴ Exploramos tais papéis no artigo intitulado “Ficcional, demasiado ficcional: o ‘personagem Nietzsche’ nos prefácios de 1886”, em 2019.

¹⁵ Essa leitura de *Ecce homo* tem início, em meus estudos, com o debate sobre o caráter autogenealógico do texto, tendo em vista que o autogenealógico não poderia remeter a uma entidade exterior e anterior ao texto, no artigo intitulado “Autogenealogia: acerca do ‘tornar-se o que se é’” (PASCHOAL, 2015) e, de forma mais alinhada à proposta metodológica descrita neste artigo, no capítulo intitulado “Ecce homo. Quid homo?” (PASCHOAL, 2020).

¹⁶ Alguns resultados de trabalhos sobre o texto da *Genealogia*, feitos com essa premissa, apareceram em: “A(s) perspectiva(s) de Nietzsche” (PASCHOAL, 2023) e também em: “Formas da polêmica na *Genealogia da Moral*” (PASCHOAL, 2024).

¹⁷ Ou porque ultrapassa os limites do que seria permitido àquele autor, por exemplo, na seção 25 da segunda dissertação, quando Nietzsche é obrigado a passar a palavra para Zarathustra.

Tendo em vista essas peculiaridades, é possível considerar firmemente a hipótese de que o nome Nietzsche não aparece no texto com o propósito primário de efetuar uma exposição de si. Antes, essa exposição, na medida em que ela ocorre – e ao certo de forma estilizada – tem em vista a economia geral do texto. Ao expor algo de si, reiterar-se, de forma estilizada, o filósofo ganha contornos de uma figura e de um recurso de linguagem que, como um tipo psicológico, permite manter uma ideia por um determinado tempo (OTTMANN, 2000, p. 341). O tempo de seu uso. Sem que, com isso o leitor tivesse em mãos alguns fragmentos de um autor que, somados a outros fragmentos deixados em outras obras, permitiria a ele, por fim, chegar à verdade do autor que se colocaria ao lado da obra, quem sabe, controlando-a. Antes interessa aqui a função, o papel do autor, não ao lado, mas no interior da obra. O que demanda aquelas estratégias de leitura que permitam decifrar enigmas, com aquele cuidado com o qual um antigo filósofo, segundo Nietzsche, lia o seu Horário (EH, Por que escrevo tão bons livros, 5).

Considerações finais

Em Nietzsche, o estilo não diz respeito a uma questão de beleza da escrita apenas, mas está ligado diretamente ao propósito do texto. O que é sintetizado em uma carta dirigida a Lou Salomé, de 8/24 de agosto de 1882, com o título “Para a teoria do estilo”¹⁸. Nela o filósofo relaciona estilo e vida: “o estilo deve ser vivo” e, nesse sentido, deve moldar-se exatamente ao que se pretende comunicar. Como uma imitação da fala, mas com menos recursos, o estilo deve ser mais expressivo, observando o “comprimento e concisão das frases, pontuação, escolha das palavras, pausas, sequência dos argumentos”. Tudo construído “como gestos”. Algo que deve ser “sentido” pelo leitor, o que exige ainda atrair para a ideia que se quer ensinar o máximo dos sentidos desse leitor. Assim, aquele que escreve não se pode abrir mão do tato próprio do bom prosador, aproximando-se da poesia, mas, contudo, sem “transferir-se para ela”. Aspectos que devem pautar a leitura de um texto que, por fim, deve ter presente que aquele que escreve não considera polido que alguém, ao escrever, antecipe “ao leitor as objeções mais leves” ou ainda, que retire dele o direito de “*expressar ele mesmo* a última quintessência de nossa verdade”.

¹⁸ <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1882,288>

Referências

- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer. Palavras e ação*. Trad. de Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- DERRIDA, J. *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim T. Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.
- _____. *Otobiografias. O ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio*. Trad. Guilherme Cadaval; Arthur Leão Roder e Rafael Haddock-Lobo. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2021.
- D'IORIO, P. “Nietzsche Source: Buscar, verificar, citar”. Tradução de Samantha Lopes Inacio da Silva e Luiz Felipe Xavier Gonçalves. In: *Cadernos Nietzsche*, v. 45, n. 03, 2024, p. 1-52.
- FOUCAULT, M. “O que é um autor?”. In: *Ditos e escritos III*. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GOLDSCHMIDT, V. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. In: *A religião de Platão*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 139-147.
- HAASE, M-L. “Excursão ao reino dos plúmbeos e escrevinhadores: uma exposição sobre a oficina de trabalho da KGW IX”. Trad. Anna H. Cavalcanti. In: *Estudos Nietzsche*, v. 02, n. 01, 2011, p. 11-21.
- HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. Vol. I. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- LANGER, D. *Wie man wird, was man schreibt. Sprach, Subjekt und Autobiographie bei Nietzsche und Barthes*. München: Wilhelm Fink Verlag, 2005.
- MARTÍNEZ, R. S. “*Aufzeichnungen eines Vielfachen*”. *Zu Friedrich Nietzsches Poetologie des Selbst*. Wetzlar: Bielefeld, 2013.
- MONTINARI, M. *Nietzsche*. Roma: Editori Reuniti, 1996.
- _____. “Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos Ídolos”. In: *Cadernos Nietzsche*, 3, 1997, p. 77-91.
- MÜLLER-LAUTER, W. *A doutrina da vontade de poder de Nietzsche*. Trad. Oswaldo Giacoia Junior; Apres. Scarlett Marton. São Paulo: Annablume, 1997.
- NIETZSCHE, F. W. *Digitale Kritische Gesamtausgabe, Werke und Briefe* (eKGWB), com base na *Kritische Gesamtausgabe Werke* (KGW), org. por G. Colli e M. Montinari, Berlim/Nova York, Walter de Gruyter, 1967ss., e *Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe*, Berlim/Nova York, Walter de Gruyter, 1975ss., ed. por Paolo D'Iorio. <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>

- OTTMANN, H. *Nietzsche-Handbuch*. Stuttgart-Weimar: J. B. Metzler Verlag, 2000.
- PASCHOAL, A. E. *Nietzsche e o ressentimento*. São Paulo: Humanitas, 2014.
- _____. Ficcional, demasiado ficcional: o “personagem Nietzsche” nos prefácios de 1886. In: *Estudos Nietzsche*, Vol. 19, n. 01, 2019, p. 91-114.
- _____. “Ecce homo. Quid homo?”. In: WOTLING, P. & DENNAT, C. *Nietzsche, Les Textes de 1888*. Reims: ÉPURE - Editions et Presses Universitaires, 2020, p. 47-62.
- _____. “A arte da escuta: Nietzsche pelos ouvidos de Derrida”. In: *Revista de Filosofia do IFCH da UNICAMP*. V. 05, n. 12, 2021, p. 32-51.
- _____. “A(s) perspectiva(s) de Nietzsche”. In: GIACOIA JR, O.; OLIVEIRA, J. R.; PASCHOAL, A. E. *Sala de espelhos. Nietzsche e o perspectivismo*. Curitiba: Koter Editorial, 2023.
- _____. “Formas da polêmica na Genealogia da Moral”. In: PORTELA, L. C. Y. & CARDOSO, L. *Das paixões da alma aos avatares. Da filosofia moderna ao pensamento contemporâneo*. Toledo: EDUNIOESTE, 2024, p. 147-168.
- PICHLER, A. *Philosophie als Text. Zur Darstellungsform der „Götzen-Dämmerung“*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2014.
- SPREAFICO, A. *L'onestà dei forti. La potenza nella filosofia di Nietzsche*. Genova. Editora, Il Nuovo Melangol, 2008.
- STEGMAIER, W. “Nietzsche como destino da filosofia e da humanidade? Interpretação contextual do § 1 do capítulo “Por que sou um destino”, de *Ecce homo*”. Trad. João Paulo Simões Vilas Bôas. In: *Trans/Form/Ação*, v. 34, n. 01, 2011, p. 173-206.
- ZITTEL, C. *Filosofia da forma: estudos sobre estética e poética em Nietzsche*. Org. Antonio Edmilson Paschoal e Romano Scroccaro Zattoni. Curitiba: Koter Editorial, 2024.
- ZATTONI, R. S. *Ecce homo como auto-bio-grafia*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba, 2022.

Email: antonio.paschoal@yahoo.com.br

Recebido: 11/2025

Aprovado: 01/2026